



A LENDA ALENTA: UM PROJETO EM CONSTRUÇÃO¹

Ana Cláudia LIMA²
Flávia COSTA³
Mariana SOUZA⁴

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o projeto “A lenda alenta (re)contando histórias” cujo objetivo é proporcionar a inclusão sócio-cultural de crianças carentes por meio do contato com obras literárias infantis de qualidade. Muitas vezes o único acesso de informação que a criança possui são os meios de comunicação em massa, em especial a televisão, que não permite o desenvolvimento da criatividade dos pequenos. Tendo em vista o contexto vigente e o baixo índice de leitores no Brasil, verifica-se a importância deste projeto de incentivo à leitura tanto na formação de futuros leitores quanto no desenvolvimento de cidadãos mais críticos e pensantes.

Palavras-chave: inclusão sócio-cultural; literatura infantil; leitura.

Introdução

A percepção da infância enquanto categoria e representação social é instituída na sociedade entre os séculos XVII e XVIII, devido ao surgimento da família burguesa e à ascensão da instituição escolar. No decorrer da história, a criança foi vista de diversas maneiras. Na Idade Média, consideravam-se crianças aqueles com até sete anos de idade; “Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse

Trabalho apresentado na Divisão Temática 7 - Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social- Habilitação em Jornalismo da FAAC-UNESP, email: anaclaudia.nl@gmail.com

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social- Habilitação em Jornalismo da FAAC-UNESP, email: flaviacosta88@yahoo.com.br

⁴ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social- Habilitação em Relações Públicas da FAAC- UNESP, email: mariana_rp07@yahoo.com.br



mundo”(ARIÈS, 1981, p.50). Nos poucos casos em que aparecia, a criança era retratada como um “adulto em miniatura”; o fato de os trajes infantis serem iguais aos dos adultos reforçava esta idéia.

Outro fato presente na Idade Média, que denunciava esta negligência em relação ao conceito de infância, está no hábito das mães entregarem as crianças às chamadas amas-de-leite para trabalharem no serviço doméstico em casas burguesas. Este hábito estava relacionado à educação; acreditava-se que por meio do serviço doméstico o conhecimento era transmitido, “era através do serviço doméstico que o mestre transmitia a uma criança, não ao seu filho, mas ao filho de outro homem, a bagagem de conhecimentos, a experiência prática e o valor humano que pudesse possuir.”(ARIÈS, 1981, p.228).

Nesse período, a aprendizagem se reduzia ao contato da criança com pessoas mais velhas através de um processo de socialização. Era um ensino prático baseado na observação das atividades realizadas por jovens ou adultos. A criação da escola se dá no fim do século XII. Esse mecanismo de fornecimento da formação inicial aos pequenos passou a substituir a aprendizagem obtida pela observação dos mais experientes, deixando de aprender a vida diretamente. Ariès pondera sobre esta instituição:

“A despeito das muitas reticências e retardamentos, a criança foi separada dos adultos e mantida à distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a escola, como colégio. Começou então um longo processo de enclausuramento das crianças (como o dos loucos, dos pobres e das prostitutas) que se estende até nossos dias e ao qual se dá o nome de escolarização.” (ARIÈS, 1986, p. 11).

A Revolução Industrial despreza essa idéia de escolarização e desenvolve um novo conceito de infância: a criança passou a ser vista como tendo um valor econômico a ser explorado. A grande necessidade e urgência de mão-de-obra nesse período acarretou o abandono da escola e as crianças, mais uma vez, foram designadas para atender o mercado de trabalho.

Nos fins do século XIX, elas foram retiradas das fábricas e voltaram à escola. É nesse momento que a alfabetização infantil, bem como a leitura, se torna



importante. Começou a surgir, então, um literatura voltada para essa nova categoria social, a criança. Autores brasileiros, como Olavo Bilac, passaram a escrever para este público. Suas obras visavam informar, transmitir conhecimentos e comportamentos exemplares. Monteiro Lobato foi quem revolucionou a literatura infantil brasileira, introduzindo uma série de novos elementos em sua obras tanto formais quanto em conteúdo. O trabalho da fantasia relacionada com a realidade é de extrema importância para o desenvolvimento intelectual da criança.

A família e, posteriormente, a escola, permaneceram, durante muito tempo, como os principais espaços de socialização da criança. Atualmente, as mídias, principalmente a televisão, acabaram ocupando esse lugar e constituindo-se num dos principais meios de divulgação das informações e de acesso ao mundo da criança. Esse contato independe da classe social ou faixa etária, ocorrendo muito antes do que se imagina.

A restrição de acesso à informação pelos meios de comunicação de massa, como a TV, impede o desenvolvimento completo da criança, já que, na maioria das vezes, aquela não incita o pensamento infantil. Por isso, o contato das crianças com outros meios que permitam o acesso à informação, como livros, faz-se necessário, na constituição dos princípios, proporcionando à construção de um olhar crítico frente o mundo que as envolve.

Reconhecendo esta necessidade, o projeto de extensão “A lenda alenta: (re)contando histórias” visa proporcionar a inclusão sócio-cultural de crianças carentes por meio do contato com obras literárias infantis de qualidade. Este projeto de extensão é o objeto de estudo deste artigo.

Literatura infantil

Os primeiros livros infantis datam do final do século XIX, época do fim da monarquia e da ascensão de uma classe média urbana que desejava mais acesso a bens econômicos, educação, etc. Nesse contexto, surgiu o livro infantil brasileiro. Como não existiam livros antes, era necessário recrutar novos escritores que tinham as seguintes possibilidades: traduzir obras estrangeiras; adaptar livros adultos em infantis; reciclar material escolar, já que os novos leitores também eram alunos; e, finalmente, apelar para a tradição popular, valendo-se da máxima de que as crianças gostam das histórias



contadas pelas mães, que por sua vez eram contadas pelas amas-de-leite, escravas e ex-escravas no Brasil colônia.

Dentro da Europa pouco se traduziu, o que existiam eram adaptações de livros adultos. Isso aconteceu, por exemplo, com *Robson Crusóé*, de Daniel Defoe que teve uma versão simplificada em 1719, sendo até hoje sua versão mais conhecida.

Os Contos de fadas (*João e Maria, A Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho*) que eram contados para adultos também sofreram mudanças. Charles Perrault Jacob e Wilhelm Grimm adaptaram as obras ao público infantil e publicaram-nas.

No Brasil, a literatura infantil também começou com traduções. O professor e jornalista Carl Jansen, não encontrando livros apropriados aos seus alunos, traduziu entre livros como *Dom Quixote de la Mancha* (1896), *Robinson Crusóé* (1885), *Viagens de Gulliver* (1888) e as *Aventuras do Celeberrimos Barão de Münchhausen* (1891).

Figueiredo Pimentel (1869 – 1914) seguiu o caminho deixado pelos irmãos Grimm e publicou, em 1894, o livro *Contos da Carochinha*. Segundo Regina Zilberman (2005), neste livro “se encontram as histórias de fadas européias, ao lado de narrativas coletadas entre os descendentes dos povoadores do Brasil. (...) Foi como a narrativa popular e oral entrou na literatura infantil brasileira, para não sair mais”.

A literatura infantil no seu início era, então, sempre uma adaptação: ou de contos populares, ou de histórias para adultos, ou de contos estrangeiros. No entanto, existiam também algumas obras que eram destinadas à escola. Quando foram editados os primeiros livros infantis no Brasil, também começaram a ser editados alguns livros didáticos, que na época eram conhecidos como Seletas, Antologias ou Livros de Leitura. Estes eram adotados pelos professores que os liam em voz alta e muitas vezes faziam os alunos decorarem trechos.

Muitos livros, porém, não ficaram restritos à sala de aula. Um exemplo é Olavo Bilac (1865-1918), muito lido dentro e fora das classes. Alguns de seus poemas são cheios de amor à pátria, outros são voltados ao público infantil, como o poema *A Boneca*. Em 1935, foi publicado um livro de Bilac chamado *Poesias Infantis*.

Carl Jansen, Figueiredo Pimentel e Olavo Bilac são considerados os pioneiros da literatura infantil brasileira. Eles foram os primeiros e abriram para um dos mais conhecidos escritores infantis: Monteiro Lobato.



Monteiro Lobato (1882- 1948) escreveu também para adultos, mas seu reconhecimento se deu nos textos infantis, como: o *Sítio do Picapau Amarelo*. Estes seus descendentes (como histórias em quadrinhos e séries de Tv) fizeram milhares de pessoas sonharem em ouvir as histórias de Dona Benta, comer um quitute de Tia Nastácia e participar de uma aventura com o valente Pedrinho e todos os outros personagens do sítio. O sítio começou com o livro *Reinações de Narizinho* (1921), que inicialmente chamava-se *A Menina do Narizinho Arrebitado*, mas teve o título trocado depois de uma edição do autor que incluiu novas histórias ao livro. Em seus livros, Lobato insere personagens tanto dos contos de fadas europeus como do folclore brasileiro: todos são bem vindos ao sítio, que representa um pouco o ideal de Brasil para seu autor.

O sucesso de Lobato fez com que as editoras acreditassem no poder lucrativo do livro infantil e publicassem novos autores nacionais, como Viriato Correia, Erico Veríssimo e Graciliano Ramos. Os dois últimos escreviam também para adultos.

Em 1970, houve uma reforma no ensino brasileiro: o ensino fundamental obrigatório que era de cinco foi passado para oito anos, e foi criado o ensino médio com três anos, no lugar do ensino secundário, que tinha sete anos. Essa mudança fez com que os livros didáticos também passassem por uma transformação, ouve um aumento no número de livros infantis dentro de sala de aula.

Entre 1975 e 1985, começaram a ser publicados livros protagonizados por reis, príncipes e fadas que, muito diferentes dos seus similares tradicionais, discutiam “temas contemporâneos que interessariam as crianças brasileiras, dentro e fora da escola, ou em família.” (ZILBERMAN, 2005) Podemos destacar desse período *A Fada que Tinha Idéias* (1971) de Fernanda Lopes de Almeida, *A Fada Desencantada* (1975) de Eliana Ganem e *Onde tem bruxa, tem fada* de Bartolomeu Campos Queirós. Nesses livros, as protagonistas são todas do sexo feminino e subvertem a ordem “natural das coisas”, com fadas que não queriam mais ser fadas ou desejavam mudar as leis de seu mundo encantado. Em 1986, Pedro Bandeira publica *O Fantástico Mistério de Feiurinha*, livro em que reúne personagens de histórias de conto de fadas, como *Chapeuzinho Vermelho*, *Bela Adormecida* e *Rapunzel* para lembrarem de uma história que estava sendo esquecida, a história de *Feiurinha*.



Nesse mesmo período, surgiram histórias de reis e príncipes, como *O Rei de Quase-tudo* (1974) de Eliardo França e “*O Reizinho Mandão*” (1978) de Ruth Rocha, autora que já era consagrada por livros como *Marcelo Marmelo Martelo e outras histórias*, de 1976.

Atualmente, o mercado editorial infantil está em expansão. Diversos escritores como Ruth Rocha e Ziraldo fazem parte da vida de muitos adultos que leram seus livros quando pequenos e que hoje relêem estas histórias para seus filhos.

A lenda alenta

O Projeto “A lenda alenta (re)contando histórias” existe desde 2007, mas somente neste ano, 2009, ele foi reconhecido como um projeto de extensão universitária. Surgiu da convergência de vários interesses; a professora coordenadora, Maria do Carmo Almeida Corrêa, havia questionado aos alunos sobre o interesse de trabalhar com incentivo à leitura. Alguns manifestaram esse interesse e foi a partir deste momento que o projeto se estruturou.

O nome que levou o projeto de extensão - “A lenda alenta” - é, na realidade, um poema anteriormente escrito pela docente. A sua intenção foi exprimir já na denominação qual o motivo da formação do grupo, já que a fantasia (lenda) deve ser alimentada por seu poder de levantar os ânimos (alentar significa animar, encorajar).

Os objetivos do grupo são: (1) Proporcionar às crianças carentes uma possibilidade de inclusão cultural, por meio do contato de obras literárias infantis de qualidade; (2) Servir como auxiliar no processo pedagógico de alfabetização e leitura, fornecendo às crianças a motivação necessária ao desenvolvimento da aprendizagem; (3) Fornecer às crianças os rudimentos da estrutura da narrativa e do texto poético, visando a possibilidade de dar voz a essa população socialmente excluída; (4) Elevar a auto-estima dos menores carentes, por meio das atividades de criação e recriação de textos a partir de obras lidas e (5) Fazer ver às crianças, de maneira lúdica, que a leitura do mundo passa pela leitura de várias linguagens, estabelecendo pontes entre a linguagem verbal escrita, oral, bem como a gestual e plática.

O Projeto Crescer, localizado na Vila Zillo e o Seara de Luz, no Ferradura Mirim, ambos bairros carentes da cidade de Bauru (SP) são os beneficiados. A escolha destas localidades se deu pela necessidade de se encontrar alguma entidade que já



trabalhasse com crianças carentes para facilitar o acesso do grupo a esse universo infantil.

As duas unidades carecem de pessoas preparadas para oferecer às crianças um acompanhamento relacionado à prática de leitura. Por isso, todos os alunos envolvidos no projeto frequentam uma reunião semanal, com duração de uma hora e meia, coordenada pela professora Dra. Maria do Carmo Corrêa, na qual são distribuídos textos que fornecem bases teóricas aos alunos para trabalhar com o público infantil. A seleção desta bibliografia é facilitada por causa do grande contato que a docente já teve com crianças e com professores do ensino fundamental. Ao longo de sua carreira acadêmica, escreveu teses e dissertações sobre esse tema. Além disso, é nas reuniões que os voluntários relatam suas experiências e discutem novas maneiras de trabalhar com as crianças.

Atualmente, há oito participantes no projeto, todos graduandos do curso de Comunicação Social. O projeto proporciona a eles, por situar-se na interface comunicação-linguagem, a oportunidade de vivenciarem um contato direto com determinado público, levando-os a refletir sobre a importância de se considerar o contexto de produção (local, público visado, finalidade, etc) no manuseio da linguagem, seja ela verbal (oral ou escrita) não-verbal ou sincrética. Como cidadãos, o projeto permite a eles que desenvolvam uma conscientização com relação a problemas de ordem social, contribuindo dessa forma para que se tornem profissionais úteis à sociedade.

As visitas às instituições ocorrem uma vez por semana, os voluntários se dividem em duplas e a cada visita selecionam um conto infantil para trabalhar com as crianças. Ao final da leitura, são realizadas atividades que visam mostrar o quanto prazeroso é ler um livro. As atividades desempenhadas pelas crianças são diversas, vão desde desenhos à dramatização sobre o que foi contado. Os alunos sempre tentam explorar a criatividade dos pequenos e desenvolver neles características consideradas importantes no homem atual, como a flexibilidade de se trabalhar em grupo, a exposição de ideias em público, a criatividade e, lógico, ressaltar a importância da leitura no contexto atual.

Lidar com o público infantil exige dedicação, trabalhar com leitura com eles requer insistência e criatividade. Como em qualquer atividade, os universitários



enfrentaram dificuldades para desempenhar o que lhes foi proposto. No início, as crianças apresentavam certa repulsão ao que havia sido proposto, a palavra leitura causava uma sensação desprazerosa a elas, visto que era imediatamente ligada à palavra obrigatoriedade. Os voluntários necessitaram de um certo tempo para adquirir a confiança dos pequenos e demistificar a ideia de que a leitura não era convidativa.

Além dessa barreira, os participantes tiveram que transpor o obstáculo social; os estudantes queriam que as crianças os vissem como amigos, e não como superiores, como são vistos os professores na escola. Por se tratar de crianças carentes, a diferença social favorecia essa visão de superioridade. O objetivo era que os pequenos ligassem os estudantes a brincadeira, a leitura.

Adquirida esta confiança, as crianças se sentiram à vontade com os estudantes, passaram a participar das atividades e houve o alcance das metas estabelecidas pelo projeto. Os voluntários observaram que algumas crianças que antes não manifestaram interesse algum pela leitura, com o decorrer do tempo, eram as que mais participavam das atividades.

Projetos Crescer e Seara de Luz

Dentre as comunidades carentes existentes na cidade de Bauru, no interior de São Paulo, o “A lenda alenta” atende o Projeto Crescer, localizado no Parque das Nações e o Seara de Luz, no Ferradura Mirim.

As duas instituições foram criadas pelo “Centro Espírita Amor e Caridade”, instituição filantrópica fundada em 2 de dezembro de 1919 por um grupo que estudava a doutrina espírita da antiga Estrada de Ferro Bauru do Brasil, atual Rede Ferroviária Federal. Em 1944, esta atividade que atendia cerca de 244 famílias (969 pessoas) foi regulamentada.

Com o passar dos anos o CEAC foi estendendo suas atividades tanto para o campo visual como para o campo social, que resultou em seis núcleos de atendimento às famílias carentes e uma creche-berçário, com capacidade para 160 crianças. O Centro conta com fornecedores e colaboradores para a manutenção das atividades, a ajuda recebida é bastante diversificada, vão desde doações de serviços profissionais, materiais à alimentos e desenvolvimento de campanhas.



Apesar deste vínculo com a doutrina espírita, os núcleos não visam a evangelização das crianças. Para que não fiquem nas ruas, pedindo esmolas ou trabalhando para os pais, os pequenos frequentam as instituições no horário oposto ao de suas aulas regulares; com isso a instituição consegue atingir um de seus objetivos, que é a erradicação do trabalho infantil.

O Seara de Luz, localizado no bairro carente Ferradura Mirim, em Bauru, é coordenado pela assistente social Adriana Guerreiro e atende um total de cem crianças. São seis classes, três no período diurno e três no período vespertino. As turmas são divididas por idade: de 5 anos e seis meses a 8 anos e seis meses; de 8 anos e seis meses a 11 anos e seis meses; de 11 anos e seis meses a 14 anos e onze meses. A instituição foi fundada em agosto de 2006 e desde então vem desenvolvendo atividades complementares às da escola regular, como recreação, aulas de informática e reforço escolar.

Já o Projeto Crescer, que fica na Vila Zillo, existe há 20 anos, entretanto a estrutura e maneira de trabalho atual existe há 8 anos. O projeto atende 160 crianças, sendo 60 de 2 anos e sete meses a 5 anos e 100 de 6 a 14 anos. As crianças do primeiro grupo ficam em uma creche conveniada com a instituição; e as outras são separadas em turmas de acordo com a necessidade de cada criança para desempenhar as atividades; por exemplo, nas referentes a reforço escolar participam as crianças com dificuldades de alfabetização, enquanto as outras têm noções básicas de informática. A coordenadora do projeto, Glaucy Amorim, afirmou que qualquer criança da região pode se matricular, mas a continuidade dela no projeto depende da frequência desta na escola regular.

Além do apoio educacional e recreativo, são fornecidas às crianças refeições diárias que se estendem à comunidade em geral. Há também comunicação com as famílias dos pequenos por meio de reuniões mensais e atendimento familiar. Em relação aos atendimentos psicológicos, há um profissional da área de saúde para atendê-la e encaminhá-la para tratamento, se necessário.

Sugestões para otimização do Projeto

Pelo fato do projeto “A Lenda Alenta: (re) contando histórias” ser de extensão universitária, a relação entre teoria e prática pode e deve ser estimulada com o intuito de propiciar aos estudantes envolvidos a valiosa experiência empírica que



complementará a formação acadêmica desses futuros profissionais. Além disso, por se tratar de um projeto com fundo social, também contribuirá para a formação de uma visão humanística, crítica e consciente da atual situação sócio-econômica em que a nossa sociedade se encontra.

No projeto em questão, predomina a presença de dois cursos de Comunicação Social, o de Jornalismo e o de Relações Públicas. Neste caso, a proposta a ser apresentada seria o desenvolvimento de um plano de comunicação integrada da Margarida K. Kunsch, onde se

“... pressupõe uma junção da comunicação institucional, da comunicação mercadológica e da comunicação interna, que formam o composto da comunicação organizacional. Este deve formar um conjunto harmonioso, apesar das diferenças e das especificidade de cada setor e dos respectivos subsetores. A soma de todas as atividades redundará na eficácia da comunicação nas organizações.” (KUNSCH, 1997, p.115)

Pelo alto grau de complexibilidade do conceito exposto acima e pela necessidade de adaptá-la ao nosso projeto, o planejamento estratégico foi escolhido como ferramenta para concretizarmos a comunicação integrada a fim de propor melhorias tanto no âmbito interno quanto no externo. Esta ferramenta contempla todas as etapas consideradas essenciais ao sucesso do projeto (que vão desde o diagnóstico até a avaliação).

O planejamento estratégico será utilizado numa organização que via o desenvolvimento de ações que anseiam à inclusão social de indivíduos que vivem às margens da sociedade. A plasticidade, a versatilidade e o alto grau de adaptação à situação-problema fez do planejamento estratégico a melhor ferramenta para desenvolvimento do plano de comunicação integrada.

O modelo de planejamento estratégico proposto por Oliveira (OLIVEIRA, 2002, p. 68) é composto por quatro fases básicas: diagnóstico estratégico, missão, instrumentos prescritivos e quantitativos e, controle e avaliação. Porém, pelo fato do projeto ser de cunho social e não mercadológico, algumas etapas do planejamento foram suprimidas, pois não condiziam com a nossa realidade.



Portanto, em nosso projeto será obedecido o seguinte roteiro: diagnóstico ou levantamento de dados (análise dos ambientes, avaliação do posicionamento estratégico [objetivos e missão] e análise de público), concepção (plano de ação), implantação e, monitoramento e avaliação.

Como primeiro passo, é necessário realizar uma análise dos ambientes (tanto interno quanto externo) nos quais o projeto está inserido, através de uma análise SWOT. Características como a utilização de mão de obra universitária voluntária, utilização do espaço físico pertencente à faculdade para a realização dos encontros semanais em conjunto com a existência de inúmeras instituições assistenciais (que possuem uma demanda por atividades recreativas) e a existência de uma verba pública para a aquisição de novos livros e para a manutenção do grupo de extensão criam um ambiente, tanto interno quanto externo, favorável à expansão do projeto, caracterizando as forças e oportunidades, respectivamente.

Entretanto, a questão do voluntariado universitário apresenta tanto aspectos positivos quanto negativos. Os aspectos positivos são a inserção de participantes que realmente se identificam com o propósito do projeto, possuindo motivação própria e que não possuam a expectativa de gratificações financeiras. Os pontos a serem desenvolvidos no projeto são a falta de compromisso por parte de alguns participantes e a desmotivação que pode atingir alguns integrantes no decorrer do projeto. A principal ameaça é o esgotamento da fonte geradora de recursos financeiros, já que algumas das atividades do projeto dependem do dinheiro para acontecerem (como por exemplo: deslocamento dos integrantes, aquisição de novos livros, entre outros).

O segundo passo, ainda na primeira fase do planejamento, seria a avaliação e/ou preparação do posicionamento estratégico e da identidade organizacional. Nessa etapa seriam estabelecidos alguns princípios que, posteriormente, servirão de base norteadora para todas as ações conseguintes. Dentre eles estão os objetivos (já mencionados neste trabalho), os valores (responsabilidade, comprometimento, seriedade e multidisciplinaridade) e as políticas de funcionamento (reuniões semanais e produção de relatórios semestrais).

Após termos nossa missão, nossos valores e nossos objetivos estabelecidos, a próxima etapa no processo de elaboração do planejamento estratégico é mapeamento do nosso público-alvo, orientado no conceito de públicos do terceiro setor do Márcio



Simeone Henrique no artigo *Considerações sobre o mapeamento dos públicos de projetos de mobilização*. O autor define três segmentos de público a serem atingidos: os geradores, os legitimadores e os beneficiados.

Em nosso objeto de estudo, os geradores são a professora orientadora Maria do Carmo e os alunos integrantes do projet, os legitimadores são a UNESP, o órgão financiador – PROEX e as instituições atendidas – Projeto Crescer e Seara de Luz e os beneficiados são as instituições atendidas (Projeto Crescer e Seara de Luz) e os menores carentes atendidos em ambas as instituições, totalizando aproximadamente 50 crianças.

Cada segmento de público possui uma função específica, sendo que o núcleo gerador é responsável pela efetiva concretização das ações do projeto, pela fiscalização e acompanhamento, o grupo legitimador é responsável por dar credibilidade ao projeto frente à comunidade, seja qual for a finalidade dos órgãos em questão (apoiar, financiar e talvez, executar) e por fim, o grupo de beneficiados tem como responsabilidade fornecer informações a respeito deles próprios, a fim de retroalimentar o projeto com feedbacks positivos ou negativos. (Márcio Simeone Henrique no artigo *Considerações sobre o mapeamento dos públicos de projetos de mobilização*).

Após todo esse levantamento de dados, inicia-se a segunda fase do planejamento estratégico, a concepção do planejamento. Nesta etapa ocorre a elaboração de planos de ação, com a utilização de instrumentos de comunicação, que deverão estar condizentes com o objetivo de cada plano, sendo que estes estarão sendo orientados por uma necessidade/problema levantada na etapa anterior.

Antes de iniciar a fase de convocação, é necessário estudar a forma como está será feita e quais princípios serão relevantes para que esta seja feita de maneira eficaz e eficiente. Se o intuito do grupo é mobilizar com seriedade os interessados no projeto e mantê-los motivados no decorrer do mesmo, é fundamental compartilhar os sentidos norteadores do projeto, tais como a relevância social e acadêmica, facilitando a compreensão e a identificação dos participantes com este. Tal processo de compartilhamento e interiorização dos valores pode ser chamado de mobilização.

É comprovado que a comunicação é um instrumento essencial para a mobilização, pois compartilha idéias, discursos e visões independentemente do objetivo final. “Mobilizar é convocar vontades para atuar na busca de um propósito comum, sob uma interpretação e um sentido também compartilhados.” (TORO; WERNECK, 1997, p. 7)



Ou seja, para convocar vontades similares às nossas, a disseminação desses princípios tem como objetivo gerar em cada participante um sentimento de identidade e de co-responsabilidade com o projeto, além de esclarecer que a participação individual é de fundamental importância para o sucesso da iniciativa.

Ainda na etapa de convocação, os e-mails, que já são utilizados irão conter um texto explicativo a respeito dos objetivos do projeto e das características esperadas dos interessados em participar do grupo. Ou ainda, essa convocação poderia ser feita através de folders explicativos, que graças ao seu formato, possibilita uma maior quantidade de dados. Tais ações focam aumentar o grau de co-responsabilidade (Márcio Simeone Henrique, Clara Soares Braga e Rennan Lanna Martins Mafra: *Planejamento de comunicação para a mobilização social - em busca da co-responsabilidade*) dos futuros integrantes ansiando diminuir a falta de comprometimento quando estes ingressarem no grupo de estudos.

Cada público demanda uma abordagem comunicativa diferenciada e específica. Portanto, a comunicação entre o núcleo gerador e o grupo legitimador poderia ser feita através da elaboração de um mini-boletim quinzenal com a finalidade de expor as experiências vivenciadas pelos contadores em cada semana, com um resumo da história contada, da atividade aplicada e da reação das crianças após a leitura. Este mini-boletim poderia conter uma seção com notícias referentes à projetos semelhantes ao nosso e outra seção com dicas de histórias ainda não trabalhadas e atividades ainda não realizadas. Uma vantagem na implantação dessa idéia seria aumentar o tempo das reuniões dedicado a assuntos mais técnicos, tais como metodologias aplicadas e “ferramentas de trabalho” diferenciadas. Além disso, irá registrar as ações desenvolvidas e assim, facilitar a sua divulgação frente às instituições parceiras.

Focando a divulgação externa do projeto para públicos não estratégicos, a sugestão seria a elaboração de jornal mural semestral contendo informações a respeito do projeto, divulgando campanhas elaboradas (por exemplo: arrecadação de livros infantis usados), entre outros assuntos. Tal iniciativa pode ter como resultado a melhoria na imagem do grupo frente aos inúmeros segmentos da universidade e possivelmente, aumentaria a rede de colaboradores e apoiadores.

No planejamento estratégico adaptado, a terceira fase seria a de implantação. Entretanto, como o projeto já está em andamento, todas as sugestões aqui relacionadas



precisarão ser analisadas cuidadosamente pela professora orientadora antes de serem efetivamente implantadas. Por isso, seguiremos para a quarta e última etapa do planejamento, o monitoramento e avaliação do projeto.

Nesta etapa, seria necessária a elaboração ou adoção de índices que servirão de parâmetro entre uma situação ideal hipotética e a situação real relatada pelos participantes. Estes índices serviriam para acompanhar o desenvolvimento dos objetivos estabelecidos no início das atividades e verificar se estes estão sendo alcançados. Para se adotar ou elaborar um índice, é imprescindível retornarmos aos objetivos e metas a fim de conseguirmos um ponto referencial para trabalharmos.

Entretanto, alguns objetivos são tão abstratos e complicados de se quantificar, que tornam o estabelecimento de relações numéricas que interpretem determinadas situações quase impossível. Portanto, esses índices acabaram por se tornar itens secundários na lista de prioridades do projeto, devido à urgência de solução de outros fatores mais relevantes para a sobrevivência do projeto.

Porém, uma forma mais simplificada de avaliarmos o progresso do projeto seria a elaboração de uma apostila contendo relatos das experiências vivenciadas pelos participantes e das atividades aplicadas por eles durante as visitas semanais às instituições atendidas. Nesta apostila, avaliaríamos quais metodologias, histórias e atividades obtiveram sucesso e quais não alcançaram os objetivos esperados. Tal ferramenta serviria de parâmetro tanto para o projeto em si quanto para outros grupos que tenham atividades semelhantes às nossas e que encontram dificuldades em desenvolver seu projeto corretamente. Tal apostila também contribuirá para estimular outros projetos, abrangendo a característica de re-aplicabilidade de um projeto de fundo social.

Sendo assim, termina-se o planejamento estratégico voltado ao projeto de extensão universitária. Este projeto possui inúmeras oportunidades que podem ser exploradas a fim de melhorar e conseqüentemente, aprofundar o relacionamento com os seus diversos públicos de tal modo que sua imagem e conceito também sejam aprimorados, proporcionando aos seus integrantes uma experiência de grande valor subjetivo, social e acadêmico.

Considerações finais



Tendo em vista a importância da leitura no desenvolvimento da criança, tanto para a formação de adultos críticos, quanto como uma contribuição para o processo de socialização, reconhece-se o valor do projeto de extensão “A lenda alenta: (re) contando histórias”.

Diante do contexto atual, em que as mídias digitais, especialmente a televisão, são inerentes ao cotidiano das crianças, trabalhar com leitura é algo desafiador. Desassociar a leitura à obrigatoriedade, consequência dos métodos de aprendizagem da escola regular, e mostrar o quão prazeroso é se inserir no mundo da fantasia é um dos objetivos no projeto.

Neste artigo, dissertamos sobre o “A lenda alenta”, um projeto pioneiro na Universidade com seus desafios e realizações, procurando não subestimar nem superestimar os obstáculos enfrentados na execução do mesmo e tendo em mente as perspectivas futuras em relação ao grupo, como a contratação de uma oficina de contação de histórias e a criação de uma apostila, relatando nossas experiências e as atividades aplicadas após a leitura dos livros.

Acreditamos que as universidades públicas têm o dever de atender as falências existentes na sociedade, pois é ela quem investe na nossa formação acadêmica, por isso o retorno faz-se necessário.

A participação como voluntário no projeto fornece aos alunos uma visão crítica da sociedade vigente, contribuindo na sua formação como cidadãos. A partir do “A lenda alenta” podemos estabelecer comunicação com as classes consideradas socialmente excluídas, além de trabalhar com a educação dos pequenos.

Referências Bibliográficas

1 ARIÉS. Phillipe. **História social da infância e da família**. Tradução Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

2 CORDEIRO, Sandro da Silva ; COELHO, Maria das Graças Pinto. **Descortinando o conceito de infância na história: passado à contemporaneidade**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, [S.I.]. Disponível em: <<http://www2.faced.ufu.br/columhe06/anais/arquivos/76SandroSilvaCordeiroMariaPintoCoelho.pdf>> Acesso em: 20 de jun. de 2009, às 22h20.



3 ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

4 PEDRO, Marisa Conceição. **A influência da literatura infantil na formação do hábito da leitura**. Iacanga: Pólo de Bauru, 2005.

5 KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Relações Públicas e modernidade: novos paradigmas na comunicação organizacional**. 3ª edição, São Paulo: Summus, 1997.

6 OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. **Planejamento estratégico: conceitos, metodologias e práticas**. 17ª edição, São Paulo: Atlas, 2002.

7 TORO A, José Bernardo & Werneck, Nísia Maria Duarte. **Mobilização Social: Um modo de construir a democracia e a participação**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, Recursos Hídricos e Amazônia Legal, Secretaria de Recursos Hídricos, Associação Brasileira de Ensino Agrícola Superior - ABEAS, UNICEF, 1997.

8 HENRIQUES, Márcio Simeone. **Considerações sobre o mapeamento dos públicos de projetos de mobilização**. Belo Horizonte, 2002.

9 HENRIQUES, Márcio Simeone; Clara Soares Braga e Rennan Lanna Martins. **Planejamento de comunicação para a mobilização social: em busca da co-responsabilidade**. Belo Horizonte, 2002.